

LUÍSA COSTA GOMES

NUNCA NADA
DE NINGUÉM

TEATRO



NUNCA NADA DE NINGUÉM

Título: *Nunca Nada de Ninguém*
© Luísa Costa Gomes
e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1991

Concepção gráfica de João Botelho
Coordenação de António Lobo

ISBN 972-9013-80-2

Índice

Luísa Costa Gomes

ULFLOM 00252



Nome do Título

Nunca Nada de Ninguém

NUNCA NADA DE NINGUÉM

Primeira Interlúdio

Primeiro Acto

Segundo Interlúdio

Segundo Acto

Terceiro Interlúdio

Terceiro Acto

11

13

23

61

71

113

125

Cotovia

Teatro Nacional D. Maria II

Elenco da Estreia
de
NUNCA NADA DE NINGUÉM
na
Sala Polivalente
do
Centro de Arte Moderna
da
Fundação Calouste Gulbenkian
a
7 de Novembro de 1991

ACTORES

Rita Blanco
Paulo Filipe
Lídia Franco
João Lagarto
Nuno Melo
Teresa Roby
Alexandra Rosa

Dramaturgia e Encenação
Cenários e Figurinos

Ana Tamen
Nuno Carinhas

PRIMEIRO INTERLÚDIO

Nunca Nada de Ninguém

(Em palco estão cinco mulheres, sentadas em cadeiras dispostas num semicírculo: a primeira mulher está na esquerda batida; a segunda mais ao recuo no centro; a terceira na direita batida; a quarta mulher está encostada por trás da terceira e a quinta mulher é a que está mais recuada, no centro.)

O primeiro interlúdio é constituído pelas histórias destas cinco mulheres, durante certos entrecortados de pavor, interrompidos por outras, recordadas, abandonadas; o que vai necessariamente manter é o fluxo das palavras e das histórias. Não há diálogos as mulheres expõem os seus casos, estão perante o médico, ou amigos, ou autoridades, a quem se confesam e explicam.)

PRIMEIRA MULHER. Remet o que vem cá fazer. Não consegue dormir, vou quase a adormecer e lembro-me e acorda. Lembro-me de tudo, farei o que invento e tudo junto é de mais. Tranquili-me ao quarto, não me serviu de nada, ele meteu-se pé à porta, foi portada de mal-nome, ferrei-me de gáitar que não tinha culpa, que não tinha culpa, mas ele é polícia, para ele toda a gente tem culpa. Deu-me um pé na cabeça, lá me matando. Tinha eu o quê? Cinco anos, para aí uns cinco anos. *(Para.)* A minha mãe diz que tenho tendência, que é azul, são coisas que me acontecem, parece que eu as chamo.

PRIMEIRO INTERLÚDIO

(Em palco estão cinco mulheres, sentadas em cadeiras dispostas assimetricamente; a primeira mulher está na esquerda baixa, a segunda mais ou menos ao centro, a terceira na direita baixa; a quarta mulher está escondida por trás da terceira e a quinta mulher é a que está mais recuada, ao centro.)

O primeiro interlúdio é constituído pelos discursos destas cinco mulheres, discursos curtos, entrecortados de pausas, interrompidos por outros, retomados, abandonados; o que será necessário manter é o fluir das palavras e das histórias. Não há diálogo: as mulheres expõem os seus casos, estão perante o médico, ou amigos, ou autoridades, a quem se confessam e explicam.)

PRIMEIRA MULHER Nem sei o que vim cá fazer. Não conseguia dormir, vou quase a adormecer e lembro-me e acordo. Lembro-me de tudo, fora o que invento e tudo junto é de mais. Tranquei-me no quarto, não me serviu de nada, ele meteu o pé à porta, foi porrada de meia-noite, fartei-me de gritar que não tinha culpa, que não tinha culpa, mas ele é polícia, para ele toda a gente tem culpa. Deu-me aqui na cabeça, ia-me matando. Tinha eu o quê? Cinco anos, para aí uns cinco anos. *(Pausa.)* A minha mãe diz que tenho tendência, que é azar, são coisas que me acontecem, parece que eu as chamo.

Se calhar é verdade. O mal vem ter comigo, não vê os outros, escolhe-me, vem direitinho a mim. E era isto que me tirava o sono, antes de... (*Pausa. Sorri.*) Até tem graça porque ontem jantei bem, estava calminha, pensei hoje é que é, durmo aí umas quatro horas, quatro horas para mim já é uma festa, uma pastilha das fortes é para o que me dá, mas estava a sentir-me porreirinha, vi a telenovela, a irmã do recreio até falou comigo, foi simpática para mim como já não era há muito tempo, se calhar vinha da confissão, que hoje é dia de padre. Pronto, estava tudo bem. Começo-me a despir para me deitar, aí vem o medo, um medo horrível; ai a porcaria!, pensei eu, mas já não havia nada a fazer. Foi por aí acima.

SEGUNDA MULHER Como as coisas são. Começam por ser pequeninas, depois crescem, estragam-se... O que me aconteceu não é incrível, é completamente normal, passa-se com toda a gente. Mas é o facto de serem as coisas pequeninas, e a bola de neve, e... Eu... comigo é a mania que ele tem de limpar os pés no tapete quando entra em casa... não é nada de especial... é uma coisa que a mãe dele lhe ensinou quando era pequeno, sei lá, ficou-lhe aquela de limpar os pés no capacho antes de entrar em casa. Isto não interessa, não vale nada, não tem importância nenhuma. Mas... eu estou em casa... são sete, sete e um quarto, sete e meia... oiço-o abrir a porta... ponho-me toda a tremer, fico com pele de galinha... «vai limpar os pés no tapete... vai limpar os pés no tapete...», até me encolho toda para não ouvir, mas lá está croinch, croinch. São dias e dias disto, semanas, meses. Chego a casa cada vez mais tarde. Cada vez me apetece menos ir para casa. Isto é ridículo, mas as coisas são mesmo assim. De resto estamos bem, conversamos e tudo, faze-

mos a nossa vida sexual normal, gostamos de estar um com o outro. Mas aquilo dos pés... depois, não temos filhos, de maneira que eu tenho mais liberdade para chegar tarde... (*Olha para o relógio.*) Sete e um quarto...

TERCEIRA MULHER Eu gostava que me ajudassem. Não sei a quem me hei-de dirigir. É que é o meu marido.

PRIMEIRA MULHER Esqueci-me de dizer uma coisa ao senhor doutor. Não sei se é importante. É o meu pai. (*Pausa.*) Mas é incrível. Como da outra vez, no meio da rua, metem-se comigo, chamaram-me tudo, ainda levei e depois, «desculpe lá, foi confusão, pensei que fosse outra pessoa». A minha mãe diz que eu tenho de ter cuidado, mas como é que eu posso ter cuidado?

TERCEIRA MULHER Casei-me há cinco anos, tenho dois filhos pequenos, moro fora de Lisboa, trabalho o dia todo. Levo duas horas para chegar ao emprego e um bocado mais para voltar a casa. Sou secretária numa grande empresa de construção civil. Gosto do que faço, sinto-me realizada na minha profissão, tenho boas perspectivas de aumento. Estamos a pagar a nossa casa, todo o dinheiro é pouco. Sou uma pessoa que tem facilidade em fazer amigos, porque sou alegre e boa companhia. Os patrões também acham. Estão sempre a fazer elogios, dizem-me que sou muito boa empregada — eles agora chamam «colaboradora» —, dizem que não sabem passar sem mim. (*Pausa.*) Sou nova, tenho a vida toda pela frente. Depois chego a casa, vou buscar os miúdos à vizinha que mos vai buscar à creche, senão ficavam na rua até àquela hora da noite, faço o jantar, uma coisa rápida, eles até gostam mais.

QUINTA MULHER (*levantando-se, exaltada*) Eu sempre tive a certeza de que a minha mãe gostava de mim. Desde o dia em que nasci que tive a certeza, cá dentro, não podia ser mais fundo, de que a minha mãe gostava de mim. E depois dos horrores todos que eu passei, aquele amor que ela me deu em pequenina, enquanto foi viva, salvou-me, até hoje, salvou-me. Se eu tivesse duvidado um instante que fosse que ela gostava de mim, se eu tivesse a sombra de uma dúvida, já me tinha atirado aí abaixo de qualquer sítio. Se eu não estou doida ainda, se eu estou viva ainda, é porque ela gostou de mim, e eu tive a certeza disso desde o instante em que nasci. (*Senta-se.*) Deixou-me uma carta, quando morreu. Está num cofrezinho de madeira, em cima da minha cómoda. Disse que era para eu ler no dia em que me nascesse um filho.

QUARTA MULHER (*começa a falar e não se ouve; depois espreita, arrasta a cadeira para a direita, para ser vista e recomeça*) Eu não vou falar dos meus pais, nem dos meus irmãos, nem de mim. (*Baixa a cabeça e mantém a cabeça baixa.*) Vou falar de uma amiga minha que tem um problema. Descobriu há pouco tempo que tem uma doença grave. Uma doença que não tem cura. E que ainda por cima é daquelas doenças que se passam cá por baixo, de que não convém falar em público. É assim uma espécie de hemorroidal fatal, ou um calo venenoso, uma coisa ridícula que torna ridículo o doente. Mas dói e mata na mesma. É que há mortes que nos deixam a pensar. Um tio meu, por exemplo, cheio de saúde, pisou um prego e morreu da infecção. É uma coisa estúpida, mas é trágico, pensa-se imediatamente no destino. Uma pessoa vai ao jardim apanhar rosas e é picada por uma víbora.

Ou debruça-se no corrimão, a madeira está podre, cede, ela estatela-se cá em baixo. Ou uma pessoa vai muito descansada na auto-estrada e cai-lhe um camião em cima. Pensa-se no destino, a morte fica no seu lugar. Agora as doenças ridículas parecem mesmo castigos. Tiram a dignidade. Fica-se reduzido à carne.

SEGUNDA MULHER No princípio era tudo bestial, eu gostava muito dele e ele de mim. Talvez ele um bocadinho mais de mim que eu dele, mas isso é normal. E até pensava muitas vezes que tinha uma sorte dos diabos, que tinha um marido que não tinha manias, quando ouvia as desgraçadas das minhas irmãs e das minhas cunhadas e das minhas amigas queixarem-se dos maridos delas. Ai, o Manel não gosta de cinema, só de vídeo, de maneira que tenho de ir sozinha; o Fernando detesta dançar e eu adoro; o Luís não pode comer *soufflé*, é alérgico ao ar, o outro não quer ir de férias porque fica ansioso quando não trabalha, o outro não sei que mais, que inferno! O André, ao menos, come de tudo, não chateia nada, é fácil de se viver com ele. Tudo o que eu lhe ponha à frente está bom, marcha logo, vai a tudo, gosta de pessoas, gosta de sair, é simpático, pronto, não tem as manias que a maior parte dos homens têm. Há os malquinhos das corridas de automóveis, que se põem no meio da estrada para serem atropelados e até alguns levam as crianças, os tarados, há os das motas, há os do futebol, há os que fazem colecções, há os que constroem coisas e deixam a casa toda suja, há os que têm a mania que cozinham... O André não. É só aquilo do capacho e não se pode dizer que seja uma mania. Até é uma coisa bem feita, se eu a conseguisse aturar.

QUINTA MULHER Há coisas de que eu não falo, desculpe. Tenho vergonha. Hoje toda a gente fala de tudo, das coisas mais íntimas, dos amores, até de coisas do corpo, do nosso corpo, mas eu tenho vergonha, desculpe. Não é por ter tido educação religiosa, nem por excesso de pudor — ou até pode ser por isso —, mas é que há coisas que por mais que se fale delas, nunca ficam esclarecidas. Nem se chega lá perto. Andamos à volta, a rondar, como os vampiros. Mas não se consegue compreendê-las.

SEGUNDA MULHER (*olha para o relógio*) Já deve ter chegado. Meteu a chave à porta, deu um passo dentro de casa, limpou os pezinhos. (*Suspira.*) É uma pequena coisa, uma coisa pequenina mas que sorve as outras todas. Parece que fica tudo transparente, só os pés e o tapete é que são reais. O que mais me chateia é que ninguém me avisou que isto podia acontecer. Disseram-me, olha que ele começa a ter amantes, olha que ele começa a beber, a jogar, a dar menos dinheiro para a casa... Tanta coisa que podia acontecer e foi acontecer o que não estava previsto. (*Pausa. Falsamente sentenciosa.*) Já dizia a minha avó: «É muito fácil conquistar um homem, o difícil é mantê-lo!»

QUINTA MULHER Eu posso contar uma história que tem a ver com isto. Não é a minha história, mas é como se fosse. Não interessa estar aqui com lamúrias, a falar de desejos, do que eu gostava de ter sido e do que gostava de ter feito e do que gostava que me tivesse acontecido, porque não fui, não fiz, não aconteceu e essa é que é essa. (*Pausa.*) Mas agora imagine uma igreja pequena de aldeia e uma menina a rezar de véu e de mãos postas. As tias envergonham-se dela, por causa do «mistério do

seu nascimento», como elas dizem, e levam-na só à missa, porque tem de ser e a mais lado nenhum. A menina deixa-se ficar encolhida e de joelhos o tempo todo, os olhos pregados no homem ensanguentado que evita olhar os seus fiéis e não tem aquelas ideias que as meninas costumam ter de lhe ir beijar os pés, desprendê-lo da cruz, morrer por ele. Olha para o crucifixo toda gelada e espera que a levem de volta a casa. Mas um dia a menina fez um milagre, elevou-se nos ares, no meio da congregação que cantava o *Salve Regina*, ressuscitou e desapareceu. (*Olha para cima.*) Ficou tudo especado, a olhar.

SEGUNDA MULHER Bom. Mudemos de assunto.

QUINTA MULHER (*levanta-se e apoia-se no espaldar da cadeira*) A minha família tem quatrocentos anos. A minha casa tem trezentos anos. A minha fortuna tem duzentos anos. O meu marido tem cem anos. Eu casei aos dezasseis anos, vivi com ele até aos quarenta anos, foram vinte e quatro anos. Até que ele morreu. Fez-me a vida negra. Escondia-me coisas, roubava-me coisas, dava-me as coisas que ele sabia que eu não queria ter. Vivia na minha casa como num labirinto. Ele mudava o lugar das coisas constantemente para me enlouquecer. E eu passei vinte e quatro anos à procura. Um dia chamei-o, subi as escadas e fui dar com ele morto na banheira. Tinha cortado os pulsos na minha casa-de-banho. (*Pausa. Suspiro de alívio.*) Agora um senhor que era por acaso muito amigo dele começou a encher-me de atenções. Telefona uma vez por semana, já me levou a sair, a ver os comboios e tudo indica que está interessado em mim. Parece uma pessoa muito séria. É casado, tem os dois filhos já criados e a mulher é doente, sofre do coração. De maneira

que morre mais dia menos dia. (*Senta-se.*) Depois é uma pessoa muito interessante, muito culta. Quando fomos até ao jardim disse-me os nomes todos das plantas, das árvores, até sabia os nomes das pedras. Às vezes penso que é uma vingança do meu marido. E se ele, antes de se matar, disse a este para se meter comigo, só para fazer pouco de mim? Hã? E se ele combinou com este, por vingança, fazer de mim parva? Mata-se, mas deixa cá o amigo para me atormentar. Sim, senhor. Agora é que eu estou a ver.

SEGUNDA MULHER Pois, eu sei que o importante é falar a dois, conversar sobre tudo. Mas posso chegar-me ao pé dele e dizer-lhe na cara que me irrita que ele limpe os pés no capacho quando entra em casa? Que me faz nervos a maneira como ele mexe o café, com a colherzinha a andar à volta, a andar à volta? Que me chateia que ele dispa o casaco e a gravata e ponha aquele casaco horroroso que ele chama de andar por casa? O que é que ele me vai dizer a seguir? Com certeza que fica magoado, depois diz-me coisas horríveis porque fica ofendido e eu não gosto de ouvir coisas horríveis sobre mim, para já porque não são verdade, depois porque me ficam a trabalhar na cabeça e me põem cheia de complexos. Mas isto assim não pode continuar. Não pode continuar.

TERCEIRA MULHER O meu marido desapareceu há duas semanas. Eu digo aos miúdos que o pai foi de viagem, mas eles já andam desconfiados. E não sei se os senhores me poderão ajudar, já fui à Polícia, mas eles dizem que é mesmo assim, que tenho de ter paciência. Que todos os dias aparecem mulheres com o mesmo problema, eles não podem tratar de tudo, são poucos e o trabalho

nunca mais acaba. Corri os hospitais, mas também não tenho vida para isso, porque não posso faltar ao serviço, nem largar os miúdos. Acham que... (*Pausa.*) O que é que eu posso fazer? (*Pausa.*) Se calhar é muito caro, não posso pagar.

QUARTA MULHER (*muito lentamente, pensativa, cabisbaixa*) Eu acho que a minha história não tem interesse nenhum. Mas é a minha história e eu estou nela como o cão dentro do pêlo, a cobra dentro da pele. Não sei se mudando a pele, muda a cobra. Se calhar é por isso que tenho vinte e três anos por fora e por dentro, do lado de cá, vejo as coisas com os olhos da mesma menina de seis anos que encostava a cabeça ao vidro e ficava a ouvir a chuva, muito caladinha. A mesma que desfez a pontapé uma boneca de trapos para se vingar de uma injustiça qualquer que lhe fizeram. A mesma que fugiu de casa para ir atrás dos ciganos.

SEGUNDA MULHER Os outros doutores, que eu já fui a muitos, disseram cada um a sua coisa. Só me lembro que um não me quis dar remédios e passou o tempo a dizer que eu devia tomar a vida nas minhas mãos. (*Ri-se.*) Que devia ser responsável, que as coisas não aconteciam sem mais nem menos às pessoas, mas que eram elas que as faziam acontecer. Os médicos dizem coisas assim.

QUINTA MULHER (*ameaçadora*) Mas ele que nem pense que me pode gozar. Não me conhece. Não sabe do que sou capaz.

SEGUNDA MULHER Se houvesse uma maneira de lhe dizer tudo e depois... como quando as pessoas são hipnotizadas,

acordam e não se lembram de nada... eu dizia-lhe tudo, fazia-lhe ver como me sinto, depois esquecíamos, ficava tudo bem, como dantes.

PRIMEIRA MULHER A irmã é que me disse uma vez: só Deus pode. Mais ninguém. Só Deus. (*Ri-se, troça.*) Tomar a vida nas minhas mãos.

QUINTA MULHER (*progressivamente mais furiosa*) Quem é que voou na igreja, quem é que ressuscitou? Quem é que te viu na banheira, branco e vermelho? Quem é que se sujeitou durante vinte e quatro anos aos teus tormentos? (*Pausa. Grita.*) Mas não te dei filhos, não tos dei, era o que mais faltava!

TERCEIRA MULHER Não tenho dinheiro, estamos a pagar a nossa casa. E mais a prestação do carro. (*Pausa. Pensativa.*) E do vídeo.

QUARTA MULHER (*exultante, quase em êxtase*) Tive pai, tive mãe. (*Pausa. Maravilhada.*) Nasci!

QUINTA MULHER (*excedida*) Mas isto não fica assim! Ele que nem pense!

SEGUNDA MULHER Ainda se ao menos ele ressonasse! Era uma coisa razoável, eu dizia-lhe, pá, ou dormes tu, ou durmo eu, não pode ser, temos de nos separar. (*Pausa longa, olha para o relógio.*) Bom, são horas, tenho de ir.

PRIMEIRA MULHER Há uma coisa que me esqueci de dizer ao senhor doutor...

(*Ficam sentadas. Pano.*)

PRIMEIRO ACTO

Carlos Alberto, *namorado de Dolores*

João Manuel, *marido de Odete*

Antônio, *namorado de Cristina*

Lopes, *o criado de mesa*

Dolores

Odete

Cristina

Vera, *irmã de Sandra*

Sandra

Personagens

Carlos Alberto, *marido de Dolores*

José Manuel, *marido de Odete*

António, *marido de Cristina*

Lopes, *o criado de mesa*

Dolores

Odete

Cristina

Vera, *irmã de Sandra*

Sandra

(O primeiro acto passa-se num restaurante atípico; a única característica incontornável é um imenso mural que representa uma cena marisqueira em estilo muito ingénuo; a pintura pode conter um farol, uma lagosta, um pescador, um batel, um grupo de camarões; pode estar decorada com rede. Para o restaurante entra-se pela esquerda baixa, para a cozinha pela direita alta, para a casa de banho pelo centro alta.)

(Sentados em frente um do outro, ao centro, estão José Manuel e Odete bebendo canecas de litro de cerveja e na direita baixa estão Carlos Alberto e Dolores que comem de cabeça baixa, devagar.)

(Entram António e Cristina e põem-se a andar pela sala, à procura de uma mesa que lhes agrade.)

ANTÓNIO Esta?

CRISTINA (enjoada) É muito perto da casa de banho.

ANTÓNIO Então? Aqui?

CRISTINA (baixo) Mais longe daqueles dois.

ANTÓNIO (rebolando os olhos) E esta?

CRISTINA Pode ser.

LOPES (*que assistira, impávido, à cena*) Essa está reservada.

CRISTINA É sempre a mesma coisa.

ANTÓNIO (*desabrido*) Então onde é que pode ser?

LOPES Numa qualquer.

ANTÓNIO Menos nesta.

LOPES Menos nessa.

CRISTINA Pode ser aquela?

LOPES Uma qualquer. Onde quiserem.

ANTÓNIO Menos naquela.

LOPES Menos nessa.

(*Cristina e António escolhem outra mesa e sentam-se.*)

ANTÓNIO (*de lado, acerca do criado*) Imbecil!

CRISTINA Já cá tinhas vindo?

ANTÓNIO Não, porquê?

CRISTINA Por nada. (*Pausa. Olha em volta.*) Parece-me que conheço aquele ali.

ANTÓNIO (*volta-se para ver quem é*) Não sei quem é.

CRISTINA Sabes.

ANTÓNIO (*com enfado*) Não sei.

CRISTINA Não é uma que andou com o Jorge?

ANTÓNIO Qual Jorge?

CRISTINA O teu colega da Parker.

ANTÓNIO (*volta-se outra vez*) Talvez, não me lembro dela.
Nem dele.

(Atacam o pão com manteiga. O criado vem servir José Manuel e Odete que começaram, em surdina, a discutir. José Manuel toma um tom surdo e ameaçador, aponta coisas a Odete, garfos, facas, um pouco inconscientemente, ao sabor da discussão. De vez em quando ouve-se Odete dizer «Ó Zé Manel!», com ar de grande sofrimento. Quando o Lopes surge com a bandeja, José Manuel espeta o garfo no lagostim e obriga o criado a pousar a bandeja na mesa. Serve-se e começa às marteladas ao animal.)

DOLORES (*a fazer conversa; Carlos Alberto come com método, organizando a comida no prato, tirando um bocadinho disto, um bocadinho daquilo, equilibrando tudo no garfo; não olha nunca para Dolores e mantém-se sempre ocupado com o que está a fazer*) Estive na bicha aí uma meia hora. Estava tudo com aquela cara de bicha, sabes como é, de vez em quando bate-se com os pés no chão, como os cavalos. Bom, a certa altura, oiço: precisa do carimbo de duas casas comerciais. O homem tinha estado uma data de tempo à espera, com o papelinho na mão,

e quando o apresentou ela diz-lhe: precisa do carimbo de duas casas comerciais. E ele, sem dizer água vai, dá um murro no higiefone, parte aquilo tudo e põe-se a esganar a mulher. Assim, com os olhos muito abertos, a esganá-la.

CARLOS ALBERTO *(impassível, sem levantar os olhos do prato)* Os serviços estão sobrecarregados. *(Lopes entra para receber a encomenda de Cristina e António, que é feita rapidamente. Vai buscar a lista dos vinhos e entrega-a a António, que escolhe depressa, num relance).*

DOLORES Ficou tudo calado, ninguém se mexeu, deve ter sido da surpresa.

CARLOS ALBERTO Ainda há uma grande falta de civismo neste país. Sempre quero ver quando entrarmos na Europa.

DOLORES À filha de uma amiga minha lá do serviço roubaram-lhe a pasta, a caminho da escola. Uns matulões, que interesse é que pode ter a pasta de uma miúda? Por acaso não lhe fizeram mal, mas já viste o que é que podia ter acontecido? *(Pausa.)* Queres mais batatas? *(Despeja-lhe mais batatas fritas no prato.)*

(Chegam os pratos de Cristina e António; Cristina tira do seu prato a rodela de tomate e põe-na no prato de António; António muda a alface para o prato de Cristina; começam a comer. Conversam sem olharem um para o outro, de cabeça baixa sobre o prato.)

(Entra Vera e, visivelmente embaraçada, procura uma mesa discreta. Senta-se no centro alta, encostada ao fundo, de

frente para a esquerda, depois muda de ideia e senta-se de frente para a direita.)

CRISTINA Quando é que temos de pagar?

ANTÓNIO Até ao fim do mês.

CRISTINA Achas que é muito?

ANTÓNIO É sempre muito. O Estado não faz nada por pouco. Devem ser os quarenta por cento.

CRISTINA Ainda ficamos com dinheiro para as férias?

ANTÓNIO Acho que sim. Depende das despesas que eles aceitarem nas Finanças.

CRISTINA Quanto é que foi o ano passado?

ANTÓNIO O ano passado não é este ano.

CRISTINA Mas mais ou menos?

ANTÓNIO É mais ou menos um mês de ordenado.

CRISTINA (*levantando a cabeça*) Bolas, com estes impostos nunca mais se consegue levantar a cabeça! Contas para pagar, sempre coisas em atraso, parece que não passamos da cepa torta...

ANTÓNIO Gastamos de mais...

CRISTINA Em quê? Achas que devemos passar a comer menos para pagar os impostos ao Estado?...